



## **PROFESSORA, MÃE OU SANTA?**

### **AS PROFESSORAS PAROQUIAIS DE SERROTE (BA, 1941-1957)**

Tânia Mara Pereira Vasconcelos <sup>1</sup>

A gente era professora, a gente numa cidade dessa era tudo, era médico... por que quando adoecia uma criança a gente providenciava levar para o lugar que tinha o recurso, por que Padre Alfredo só vinha de mês em mês e a gente era médico. A gente era tudo na cidade; se morria um, vinham chamar a gente para fazer as celebrações. (...) A gente trabalhava de domingo a domingo porque o serviço religioso no sábado e no domingo éramos nós que fazíamos né? Não tinha padre, não tinha ninguém, na semana santa éramos nós que fazíamos o período todinho da quaresma.

Isabel de Fátima Lima, ex-professora paroquial<sup>2</sup>

As professoras paroquiais de Serrote exerciam funções que ultrapassavam muito o papel pedagógico; seu trabalho, associado a uma missão, era imbuído de um ideal religioso. Na ausência do Padre Alfredo, o diretor das escolas paroquiais, elas realizavam todo o trabalho assistencial e religioso na comunidade.

Esse estudo se propõe a analisar concepções de gênero referentes ao papel das professoras paroquiais no Povoado de Serrote, pequena comunidade no sertão da Bahia, entre 1941 e 1957. As fontes utilizadas na pesquisa se constituem de depoimentos orais, documentos escolares como: livros de matrícula, livros de assiduidade e livro de termos da escola paroquial; jornais e fotografias.

A Escola Paroquial do Povoado de Serrote (atual município de Serrolândia - BA) fazia parte de uma rede de escolas paroquiais fundadas pelo Padre austríaco cisterciense Alfredo Haasler, no município de Jacobina e tinha como principal objetivo catequizar a população, contando com o apoio de parte da elite local. A implantação dessas escolas, além da realização de outros trabalhos assistenciais, tornou o referido padre uma figura extremamente conhecida e politicamente importante naquela região, exercendo muitas vezes uma influência maior que a do Estado. A escola paroquial de Serrote possuía uma estrutura simples, funcionando com uma única classe, no sistema de ensino multisseriado, oferecendo ensino primário gratuito para crianças e adolescentes.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestre em História Social pela USP. E-mail: taniahisto@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Entrevista concedida em 12.08.2006.



### *Ser mulher e professora*

As professoras paroquiais, no período pesquisado, eram todas do sexo feminino. A feminização do magistério primário, ocorrida no Brasil a partir o final do século XIX, é um fenômeno já bastante discutido por pesquisadoras (es) da História da Educação, estando associado a diversos fatores.<sup>3</sup> No caso da escola paroquial, a exclusividade feminina na docência constituía uma opção ideológica do Padre Alfredo, estando associada principalmente a questões morais. Apenas em 1977, momento em que as escolas paroquiais não são mais assumidas integralmente pela Igreja, houve uma mudança no padrão inicial, sendo aceito o primeiro homem como professor paroquial, o Professor Antonio Alves; ele relatou em seu depoimento a explicação que o Padre Alfredo dava para a preferência por mulheres como professoras paroquiais:

Ele disse, que pelo que ele conhecia, era assim... visado... não sei como era... homem ir para o trabalho de professora... de professor. (...) Mesmo na terra dele era diferente: ou era professor de Teologia, de Filosofia, dessas disciplinas assim, ou então dificilmente existia um professor, e também ele achava que... parece que as mulheres impunham assim, um respeito mais amplo.<sup>4</sup>

O discurso que associa mulher e magistério primário, enaltecendo-a por suas “qualidades naturais” de docilidade e abnegação, esteve presente desde o início do processo de “feminização do magistério” não apenas no Brasil. A partir de uma concepção essencialista, aos homens caberia o ensino de disciplinas específicas, em um nível de ensino mais elevado, o que exige maior preparo intelectual, enquanto que o ensino primário seria a área de atuação ideal para o sexo feminino, por estar associado à maternidade, demandando cuidado e afetividade, características naturalmente femininas. O próprio depoente, mesmo tendo sido professor primário, se confundiu na utilização do termo “professor”, utilizando “professora” para referir-se ao magistério primário, o que demonstra a naturalização da feminização da profissão.

No Povoado de Serrote, durante os dezessete anos em que a escola funcionou consegui ter acesso a uma documentação referente a onze anos, período no qual atuaram doze professoras, das quais consegui entrevistar duas: as professoras Nilza Silva Oliveira e Isabel de Fátima Lima.

---

<sup>3</sup> De acordo com Louro a “feminização do magistério” estava provavelmente vinculada ao “processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens”. LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 449. A autora traz a tona também as questões morais envolvidas nesse processo, que associam magistério primário e maternidade. Ver também ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998 e VIDAL, Diana G. & CARVALHO, Marília P. de. “Mulheres e Magistério Primário: Tensões, Ambigüidades e Deslocamentos”, In VIDAL & HILSDORF, Maria Lúcia S. (orgs.) *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo. Edusp, 2001.

<sup>4</sup> Antônio Alves de S. Neto, entrevista concedida em 06.09.2007.



De acordo com os depoimentos, as primeiras professoras paroquiais de Serrote eram normalistas, estas geralmente trabalharam na escola paroquial por pouco tempo até conseguirem uma cadeira estadual. A partir de 1948 a maioria das professoras contratadas era leiga, muitas das quais ex-alunas das escolas paroquiais que passavam a receber uma formação continuada oferecida pela Igreja. Essa nova geração de professoras, à qual pertencia a Professora Isabel, que atuou por 25 anos na escola paroquial, provavelmente atendia melhor aos ideais missionários da Igreja.

De acordo com a professora Isabel, as professoras paroquiais deveriam ficar à disposição da Igreja e da escola, podendo ser enviadas para trabalhar em qualquer uma das quarenta localidades onde existia uma escola paroquial. A cada final de ano era realizado um sorteio que determinava o local onde a professora iria lecionar no ano seguinte, não cabendo às mesmas a possibilidade de escolha, o que indica o caráter missionário do trabalho.

Nesses locais elas ficavam hospedadas na casa de alguma família escolhida pelo padre: “E era vida dura, a gente ia no início do ano e só voltava nas férias de junho (...) a gente só ficava em casa de família. A gente também muito jovem, muito bonitinha... perigoso, não é?”<sup>5</sup>

Apesar de a maioria não ser freira, as professoras paroquiais estavam sujeitas a um rígido controle do comportamento, sendo que os valores morais se sobrepunham à competência profissional na escolha ou em sua permanência na escola. Elas deveriam seguir um modelo de retidão moral muito rígido, tendo sua vida pessoal vigiada e controlada pela Igreja. D. Isabel destaca em seu depoimento o controle exercido pelo Padre Alfredo sobre a vida afetiva das professoras:

Agora uma coisa o Padre Alfredo proibia... a professora não podia namorar no tempo de aula, não podia ter namorado na cidade. (...) A gente não podia ir em festa naquela cidade que a gente morava, era... a gente não dançava... por isso que muitas nem casaram, né? Eu por exemplo.<sup>6</sup>

De acordo com a depoente, as professoras que ousavam se rebelar contra esse controle, sofriam repreensão pública durante os cursos de formação que ocorriam no período de férias escolares:

Às vezes tinha umas que escapavam, que iam pra festa, etc, né? (risos) Mas isso quando ele sabia não gostava não. (...) Porque também a gente se hospedava em casa de família, né? Ele não queria que a gente desse muito incômodo as pessoas que ficavam com a gente, pra não dá trabalho e tal, não surgir comentários feios. Namorando, daí a pouco começa... Todo mundo novinho, bonitinho. Mas mesmo assim o povo fofocava, contava a ele, né? E a gente era chamada a atenção nas conferências no meio de todas as outras colegas. Era chamada a atenção, botava no quadro fulana fez... tal, tal, tal...<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Isabel de Fátima Lima, entrevista concedida em 12.08.2006.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Entrevista concedida em 24.12.2007.



O vexame público nos cursos de formação funcionava como uma estratégia de repressão; a hospedagem em casas de família também reforçava o controle sobre a sexualidade das professoras. Muitas professoras paroquiais, assim como a professora Isabel, começaram a lecionar ainda na adolescência. O fato de serem mulheres e jovens, ministrando aulas para alunos que, em alguns casos, tinham quase a mesma idade delas, talvez reforçasse ainda mais a preocupação com a moralidade destas.

Para além de uma simples preocupação com a moralidade, presente em muitas escolas da época, a escola paroquial, no período pesquisado, chegava ao extremo de exigir que todas as professoras fossem solteiras. Este fato é mencionado por alguns depoentes como o Sr. Florivaldo, ex-aluno: “Era tudo moça, não tinha nenhuma casada, porque a casada tinha obrigação com os filhos, não pode ensinar; ele não queria ninguém casada.”<sup>8</sup>

A demissão da Professora Adalgisa em 1950, antes da finalização do ano letivo, de acordo com dois depoimentos, teria sido motivada por sua opção pelo casamento. Segundo D. Isabel, que na época era sua aluna: “Parece que ela foi casar, ela queria casar e Padre Alfredo demitiu, acho que foi mais ou menos isso. Por que não podia... professora casada não podia ensinar, não é?”

Vidal e Carvalho, analisam a ambigüidade dos discursos a respeito do exercício da profissão do magistério pelas mulheres nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil. Segundo as autoras, na Primeira Conferência Nacional de Educação, ocorrida em Curitiba, em 1927, foi defendida uma tese que recomendava o celibato pedagógico feminino. Os discursos apontavam a incompatibilidade entre o exercício das atividades de dona de casa e de professora, embora ressaltassem as qualidades naturais da mulher para o exercício da profissão. Essa questão gerou polêmicas registradas na imprensa carioca. Um dos principais críticos dessa tese, defendia o casamento das professoras primárias com base em argumentos biológicos, considerando a relação sexual e a maternidade como necessidades inerentes ao corpo feminino. Esse debate, bem como a discussão do direito ao voto feminino, levantava o caráter ambíguo da relação entre mulher, trabalho e espaço público num contexto em que as famílias, segundo a imprensa conservadora, eram ameaçadas pela saída da mulher do espaço doméstico. A associação entre mãe e professora, ensino primário e extensão do lar, não se fazia, portanto, de forma direta e sem conflitos.

Mãe e professora eram identificadas, mas não no contexto de uma tarefa íntima, privada e pessoal como tendemos a perceber a maternidade hoje, mas no contexto de uma maternidade cívica, uma função pública exercida na privacidade dos lares ou no ambíguo espaço escolar, situado a meio caminho entre trabalho assalariado, que se considerava parte da esfera pública, e domesticidade.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Florivaldo Magalhães de Sousa, entrevista concedida em 21.11.2007.

<sup>9</sup> VIDAL, Diana G. & CARVALHO, Marília P. de. op. cit. p. 215.



Na escola paroquial podemos perceber uma associação entre mãe e professora presente nos depoimentos:

**Isabel:** A gente fazia reunião de pais, os pais entregavam os filhos à gente, a gente era mãe e professora ao mesmo tempo, porque o que a gente fizesse tava feito. E era tempo em que valia a pena se ensinar.<sup>10</sup>

**Elisa:** O cuidado que os professores tinham com os alunos, eram verdadeiros pais, tinham cuidado mesmo, e o Padre Alfredo cobrava isso. Quando o aluno adoecia o professor dava assistência. (...) todos os problemas elas tavam por dentro, principalmente dos alunos, não é? (...) Professores eram como se fossem pais e mães. A comunidade... todo mundo gostava dos professores.<sup>11</sup>

Embora a ex-aluna Elisa tenha utilizado termos masculinos como generalizantes como “pais” e “professores”, o ideal da professora-mãe era predominante nessa escola, uma vez que todas as professoras eram mulheres.

Fischer analisa “a professora primária nos impressos pedagógicos (1950-1970)” tendo como objeto de estudo a *Revista do Ensino*, editada no Rio Grande do Sul, que teve grande circulação em todo o país. A preocupação com o comportamento moral da professora é recorrente na revista em todo o período. Esta é valorizada e enaltecida, ao mesmo tempo em que é exigido dela um comportamento exemplar, um ideal de abnegação e sacrifícios quase impossível de ser cumprido. A professora ideal aparece como um ser quase divino e o magistério como um sacerdócio.

Ao longo das páginas folheadas, vai se explicitando a professora “mestre humilde e ignorada” que tem uma missão a cumprir aqui na terra: salvar almas para Deus e formar cidadãos para a Pátria (RE, set./1959. p. 15). Ou seja, mestras são pessoas “sempre prontas para a íngreme escalada do dever e a busca suprema dos bens eternos” (*Ibid.*). Por isso, a professora é “mãe espiritual”, e por isso “ensinar é mais que criar a carne, é criar a alma”, fazendo com que os alunos sejam “o grande amor da sua vida”. Magistério é vocação e a professora jamais é identificada como uma profissional. Seu trabalho não supõe recompensa “neste mundo”. Os méritos são computados “pela glória de tudo dar e pelo triunfo de nada receber” (RE, set./1958. p. 2).<sup>12</sup> (*citações da autora*).

Os discursos das professoras entrevistadas em alguns momentos expressam esses ideais. Em relação aos castigos físicos, que eram comumente aplicados nos alunos no período estudado, a professora Isabel demonstrou certo constrangimento em assumir essa prática, uma vez que o seu discurso está repleto de demonstrações de afeto por seus alunos:

E a disciplina era assim, a gente castigava não é? As vezes a gente fazia sabatina e naquelas horas é que os próprios colegas batiam nos outros, não era tanto a professora que batia era mais... quem sabia mais batia mais, o negócio era esse. E a gente às vezes castigava o aluno não é? Diz que corrigir é amor. Ninguém fazia por maldade, mas por correção e todo mundo respeitava.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Entrevista concedida em 12.08.2006.

<sup>11</sup> Elisa de Almeida Moreira, entrevista concedida em 15.11.2004.

<sup>12</sup> FISCHER, Beatriz D. “A professora primária nos impressos pedagógicos (de 1950 a 1970)” In STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena C. (orgs.) *Histórias e memórias da educação no Brasil*, Vol. III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 325.

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 12.08.2006.



O uso da palmatória, feita pelos próprios alunos nos momentos da sabatina e não pela professora, aparece como um subterfúgio, para amenizar essa prática. Sabemos que nos depoimentos acerca do passado, a memória tende a selecionar as vivências positivas, imbuídas de saudosismo. Especialmente no caso de professoras que tiveram, em sua formação, a influência dos valores discutidos acima, que relacionam magistério e sacerdócio, devemos estar atentos para a distância entre o real vivido e o ideal, expresso na fala.

Na memória do Sr. Reinaldo, um dos seus ex-alunos, a aplicação do castigo físico aparece de forma diferente:

A disciplina era a melhor possível porque os professores eram rígidos, eles faziam questão que os alunos aprendessem. De que maneira? Através de conselhos e pancadas, pra sentir a dor física mesmo. Por exemplo, na hora da sabatina mesmo, quando a pergunta era feita ali e eu errava, teria que apanhar porque não estudou (...) existia naquela época a palmatória furadinha no meio, ardia demais, e a régua, nós tínhamos medo da régua e da palmatória. Com a régua batia no braço, eram lugares escolhidos pelos professores, isso acontecia quando conversávamos muito e não dava atenção.<sup>14</sup>

As professoras entrevistadas, embora em alguns momentos tenham demonstrado no discurso ideais que associam o magistério à maternidade ou a um sacerdócio, também deixaram clara a importância do salário como a principal motivação para o assumirem o trabalho de professora. D. Nilza relatou dificuldades econômicas pelas quais sua família passava na época que assumiu a docência na escola paroquial de Serrote:

Fui para Serrolândia quando meu pai faleceu e eu não tinha pra quem apelar (...) já tinha me formado, mas eu não tinha pra quem apelar por que eu ainda não tinha sido nomeada nem interinamente quanto mais fazer concurso pra efetividade (...) Minha mãe ficou desolada. Ele, como tinha essa filha formada, sabendo que ainda não tinha praticamente uma cadeira, confiava muito que eu iria ser o esteio da família.<sup>15</sup>

Sendo a única da família a possuir um diploma, a professora tornou-se realmente o “esteio da família”, até que outra irmã sua conseguisse um emprego e a substituísse nessa tarefa. A profissão de professora primária, que era considerada na época praticamente a única profissão decente para uma mulher, constituía uma alternativa de trabalho importante para moças de classe média baixa.

Ao ser questionada sobre a concordância dos seus pais com a sua vida itinerante como professora paroquial, D. Isabel também apontou a necessidade econômica: “Aceitava porque era Igreja e a necessidade também né, minha filha? E a necessidade de trabalhar... e muito nos serviu porque hoje nós somos gente porque Padre Alfredo nos fez gente!”<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Reinaldo Moreira Lima, entrevista concedida em 10.04.2007.

<sup>15</sup> Nilza Silva Oliveira, entrevista concedida em 20.02.2008.

<sup>16</sup> Entrevista concedida em 12.08.2006.



A rotatividade de professoras na escola paroquial, devido ao surgimento de oportunidades de trabalho através do Estado, indica que as professoras formadas estavam em busca de melhores oportunidades de emprego, não se atendo apenas ao aspecto apostólico da profissão enfatizado em certos discursos que associam mulher e magistério primário. As exigências missionárias do trabalho de professora paroquial provavelmente também afastavam as mesmas dessa escola.

Podemos perceber no depoimento das professoras paroquiais entrevistadas uma ambigüidade em relação ao papel da mulher-professora, que se reflete numa concepção de fragilidade - o perigo de uma moça sozinha, distante da família - e ao mesmo tempo de força; a vida dura, de ter que assumir várias responsabilidades na ausência do padre. As tarefas assumidas por essas mulheres também lhes conferiam um papel de autoridade e prestígio diante da comunidade, provavelmente um prestígio incomum à maior parte das mulheres da época, esposas e donas de casa,<sup>17</sup> apesar do controle exercido sobre elas pela Igreja.

### *Bibliografia*

- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.
- FISCHER, Beatriz D. A professora primária nos impressos pedagógicos (de 1950 a 1970). In STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena C. (orgs.) *Histórias e memórias da educação no Brasil*, Vol. III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KREUTZ, Lúcio. *Professor paroquial: magistério e imigração alemã*. 2ª Ed. Pelotas: Seiva, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias em Serrolândia: Práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmom, 2007.
- VIDAL, Diana G. & CARVALHO, Marília P. de. Mulheres e Magistério Primário: Tensões, Ambigüidades e Deslocamentos. In VIDAL & HILSDORF, Maria Lúcia S. (orgs.) *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo. Edusp, 2001.

---

<sup>17</sup> Vânia Vasconcelos analisa o papel da mulher nessa sociedade, trazendo dados sobre as principais profissões exercidas por elas, sendo que as donas-de-casa se constituíam como a maioria delas, até os anos 1970. *Evas e Marias em Serrolândia: Práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmom, 2007.